

UM POETA DA PLÁSTICA

Luís Soares é um poeta da plástica. Poderia ainda dizer-se: Luís Soares é um autêntico artista da poesia iconográfica. A sua música de traços, a sua orquestração de signos, o seu emprego sábio do pigmento, o seu eufemismo peculiar e doce, o seu inquietante equilíbrio e, sobretudo, o seu infernal cromatismo expressionista, situam-no privilegiadamente, no âmbito feliz da genialidade sincrética. Dizia Paul Klee: A lenda do meu infantilismo, em matéria de desenho, vem provavelmente das minhas composições lineares, usando como único elemento o traço.

O desenho de Luís Soares, para além de acordos representativos, de quaisquer imperativos mímicos, parece obedecer a um impulso do traço, assente nos princípios primitivos da arte, na infância da alma.

As aparências da realidade, a imagem dos seres, importam muito menos que a loucura lírica desde a qual as contemplamos. Qualquer criança no seu quarto de brinquedos é um dominador de geometrias curvas, de traços episódicos, de aventuras esquemáticas. A criança pega no lápis como quem pretende mudar o mundo. Não o sabe. É maravilhoso que os dementes e as crianças, no rosáceo compromisso iniciático, flor e cerne dos sucessos inocentes, ensinem tanto aos artistas. O que os diferencia da Arte é que eles participam numa forma inicial das forças criadoras; enquanto que os artistas, e sómente estes, tomam da Natureza essa energia criadora para desenvolver um novo universo formal.

Não é verdade que a Arte reproduza o que é visível. O que na realidade acontece é que o artista produz o conceito de visível. Luís Soares afana-se no prazer de descobrir a imagem, o rosto rápido e o gesto da humanidade que flui liberta, da casualidade vegetativa, do desenvolvimento rápido, do tempo.

Luís Soares ostenta o privilégio da anarquia, da aparente e racional desordem. A sua voragem lírica transporta-nos para uma outra dimensão das coisas, uma outra fotografia dos rostos. Enraizada nos mais puros fervores interiores, a sua forma desenhística, intimamente constrangida a um ponto, irradia abertamente aquela euforia branca da sua profunda orientação perplexa. Maravilhado com a vida, explode em traços. A sua

linha de desenho, que confere ao quadro cosmos, sentido e movimento, explode numa paisagem luminosa, reunião de sóis e sombras na voragem singela daquela ordenação simples, doméstica, que o nosso artista impõe ao mundo. O seu quarto de brinquedos lembrado de forma insigne as suas actividades criadoras, retoma o pulso das incitações progressivas. Desde um terreno alógico, rebenta num mundo explicativo, numa indisciplina mágica, em traços vivos e sintéticos. Explica a sua arte fazendo-a. É neste ponto que gostaríamos de fazer convergir o seu traço com realizações pós-modernas. Luís Soares, inventando o mundo, desenhos, pinturas, esculturas, cumpre simultaneamente a sua obrigação de o definir. Mas não nos enganemos. Tudo isto não passa de uma composição musical. Ou uma insinuação da existência. Perante a confusão do existente e, nisto, Luís Soares é francamente pós-moderno, não há outra solução que a de refugiar-se na dúvida, que musicalizar a incerteza. Aí está a sua estatuária, sagazmente inconcluída, dispersando— as ruínas do mais recente Giacometti: Linhas de força reduzidas ao seu rigor mais íntimo, imagem adelgada em oposição ao limite. Uma pura excrescência da linha.

Luís Soares, como já antes afirmaram Paul Klee e Wassily Kandinsky, representa hoje a equação do estático e do cinético. A utilização total do valor interior da expressão, a indisciplina orientada para a imagem, a sombra espessa, móvel, para a eternidade dos esboços. Tudo isso, e outros sobejos argumentos, levam-nos a reflectir que a confusão do Ocidente foi aquietada, que os elementos do desenho continuam em franca crise. Que a música segue, com tonalidades. Que a linha ameaça matar, não Gruber ou Lorjou, mas todos aqueles que nunca amaram a desordem. Luís Soares tem agora nas suas mãos, desde um ou outro ponto de vista, a absolvição ou a condenação.

RAFAEL SOTO VERGÉS

Da Associação Internacional de Críticos de Arte

UN POETA DE LA PLÁSTICA

Luís Soares es un poeta de la plástica. Podría agregarse más: Luís Soares es un auténtico artista de la poesía iconográfica. Su música de trazos, su orquesta-oión de signos, su empleo sabio del pigmento, su eufemismo peculiar y dulce, su inquietante equilibrio y, sobre todo, su infernal cromatismo expresionista, le si-tuán privilegiadamente en ese ámbito feliz de la genialidad sincrética. Decía Paul Klee: La leyenda de mi infantilismo, en materia de dibujo, viene probablemente de mis composiciones lineales, no usando otro elemento que el rasgo.

El dibujo de Luís Soares, por encima de acuerdos representativos, de cualesquiera imperativos gestálticos, parece obedecer a un impulso del rasgo, aposentado en los principios primitivos del arte, en la infancia del alma.

Las apariencias de la realidad, la imagen de los seres, importa mucho menos que la locura lírica desde la cual las contemplamos. Cualquier niño, en el desván de sus juguetes, es un dominador de geometrías curvas, de trazos episódicos, de aventuras rásgicas. El niño toma el lápiz como quien cambia el mundo. No lo sabe. Es hermoso que los dementes v los; niños, en el rosa compromiso iniciático, flor y carne de los sucesos inocentes, enseñen tanto a los artistas. Lo que les diferen-cia del Arte es que ellos participan en una forma del inicio de las fuerzas creadoras; mientras que los artistas, tan sólo los artistas, toman de la Naturaleza esa energía creadora para desarrollar un nuevo universo formal.

No es verdad que el Arte reproduzca lo que está visible. Realmente sucede que el artista produce el concepto visible. Luís Soares se afana en el placer de descubrir la imagen, el rostro rápido y el gesto de la fluyente humanidad liberta, de la casualidad vegetativa, del desarrollo rápido, del tiempo.

Luís Soares ostenta el privilegio del desorden, del aparente y racional desorden. Su vorágine lírica nos lleva hacia otra medida de las cosas, otra fotografía de los rostros. Enraizado en los más puros fervores interiores, su forma dibujística, íntimamente constrñida a un punto, irradia abiertamente aquella euforia blanca de su honda orientación perpleja. Maravillado por la vida, explota en trazos. Su línea de dibujo, la que confiere al cuadro cosmos,

sentido y movimiento, explota en un paisaje luminoso, reunión de soles y de sombras, en la vorágine sencilla de aquella ordenación simple, doméstica, que nuestro artista impone al mundo. Su desván infantil, rememorado ilustremente en las instancias creadoras, retoma el pulso de las incitaciones progresivas. Desde un terreno alógico, revienta en mundo explicativo, en desórdenes mágicos, en rasgos vivos y escurridos. Explica su arte haciéndolo. Es en este punto donde quisieramos ligar su trazo a las ejecutorias postmodernas. Luís Soares, inventando el mundo, dibujos, lienzos, esculturas, cumple al mismo tiempo su obligación de definirlo. Mas no nos engañemos. Todo esto no es más que una música. O una insinuación de la existencia. Frente al desorden de lo vivo, y en esto Luís Soares es francamente postmoderno, no hay más solución que acunarse en la duda, que musicalizar la incertidumbre. Hay está su estatuaria, sagazmente inconclusa, desperdigando las ruinas del más reciente Giacometti: líneas de fuerza reducidas a su rigor más íntimo, adelgazada imagen en discordia, del límite. Una pura excrecencia de la línea.

Luís Soares, como antes dijeron Paul Klee y Wassily Kandinsky, dice hoy la ecuación de lo estático hacia lo cinético. La utilización total del valor interior de la expresión, el desorden movido hacia la imagen; la sombra espesa, móvil, hacía la eternidad de los apuntes. Todo eso, y demás argumentos que ya sobran, nos hacen meditar que el desorden de Occidente está posado; que los elementos del dibujo siguen en franca crisis. Que la música sigue, con colores. Que la línea amenaza con matar, no a Gruber o a Lorjou, sino a todos aquellos que nunca amaron el desorden. Luís Soares tiene ahora en sus manos, desde algún punto de pista, la absolución o la condena.

RAFAEL SOTO VERGÉS

De la Asociación Internacional de

Críticos de Arte

LUIS SOARES is a visual arts poet. It could also be said: Luis Soares is a true artist of iconographic poetry. His music in lines, his orchestration in signs, his wise use of pigment, his own particular gentle euphemism, his worrying balance and, above all, his infernal expressionist chromatism, raise him to the level of eclectic genius. Paul Klee said: the legend of my childhood with regard to drawing probably comes from my linear compositions in which the only element used was the line.

Luis Soares' drawing, besides representative consensus or mimicked imperatives, seems to obey the impulse of the line based on the primitive principles of art in the childhood of the soul.

The appearance of reality and the portrayal of human forms matter far less than the lyrical madness through which we view them. Any child in his toy room masters curved geometries, episodic lines, schematic adventures. A child picks up a pencil like someone ready to change the world, yet he is oblivious to this. It is marvellous that the demented and children in the early dawn of commitment, bloom and kernel of innocent success, teach artists so much. What makes them different from Art is that they are part of an initial form of creative forces; while artists, and only artists, take this creative energy from nature to develop a new formal universe.

Is it not true that art reproduces what is visible. What really happens is that the artist produces the concept of visible. Luís Soares strives in the pleasure of discovering the image, the rapid face and a gesture of mankind which flows freely from vegetative circumstances, rapid development, and time.

Luís Soares displays the privilege of anarchy, of apparent and rational disorder, His lyrical power carries us to another dimension of things, another photography of faces. Rooted in the purest inner fervour, his style intimately restrained to a point, openly irradiates that white euphoria from his profound, perplexed outlook. Entranced by life, he explodes in lines. The lines of his drawings, adding cosmos, feeling and movement to the picture, explode in a luminous landscape, a meeting of suns and shadows in the unpretentious vortex of that simple domestic order our artists impose on the world. His toy room, recalled in the unforgettable style of his creative activities, takes up the throb of progressive stimulation. Out of an analogical earth it bursts into an explicate world, in magic disorder, in live and brief

lines. He explains his art by producing it. Here we would like to equate his line in post-modernist works. Luís Soares, inventing the world, drawing, painting, sculpture, at the same time fulfils his obligation to define it. But he did not take us in. This is no more than music. Or the insinuation of existence. Given the disorder of what exists, and here Luís Soares is frankly post-modernist, there is no other solution but to take refuge in doubt, to set uncertainty to music. Those are his statutes, wisely incomplete, dispensing the ruins of the most recent Giacometti: lines of force reduced to their most intimate austerity, a slim image in opposition to the limit. A pure superfluity or excrescence of line.

Luís Soares, as Paul Klee and Wassily Kandinsky have already said, now represents the equation of the static and the kinetic. The full use of the inner value of expression, the ordered indiscipline of the picture, the thick, movable shadow, to the eternity of sketches. All this and other innumerable arguments lead us to consider that the confusion of the appeased West in dubbed, that the elements of drawing are still in open crisis. The music goes on in different keys. That the line threatens to kill, not Gruber or Lorjou, but all those who have never loved disorder. Luís Soares now has in his hands, from one or another point of view, absolution or condemnation.

RAFAEL SOTO VERGÉS

International Association of Art Critics